



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — **JOAQUIM CARDOSO**

Redacção e administração Calçada do Combro, 58-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
End. telegr. *Telhoba* — Lisboa • Telefone: 7
Officinas de impressão: Rua da Afaia, 124

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

CONSEQUÊNCIAS FUNESTAS

As consequências da criminosa acção do capitalismo acentuam-se cada vez mais. Foi o seu nefasto predomínio, organizando a selvageria guerreira para sua perversa, que conduziu os povos à mais feroz e desastrosa das guerras, e é ainda ele que, pela sua característica dominante, uma avidez sordida e sem limites, mantém o mundo numa situação dolorosa, prestes a cair no caos mais horrendo, de que os homens só poderão talvez sair depois duma luta estúpida, bárbara e sangrenta.

A burguesia, que durante a guerra deu satisfação aos seus baixos instintos, enviando para a morte nas trincheiras a parte mais vigorosa das populações e exercendo sobre estas a exploração mais ignóbil e tirânica, não se resigna a uma situação de paz. A febre do lucro e do mando arrastam-na até à loucura. Recusa perder o seu domínio sobre os homens e as coisas, e assim como organizou o barbarismo militar para defender-se, e que teve por consequência uma horrível mortandade e um pavoroso desequilíbrio económico e social, ela procura estabelecer o regime da fome, crendo que assim, se não evita, pelo menos adia para muito mais tarde a sua queda irremediável.

Mas os povos é que não devem deixar prolongar uma tal situação, sob pena de correrem voluntariamente para o sacrifício fatal que a burguesia egoísta e rancorosamente prepara porque ela, na perversão do seu desmedido orgulho, não pode conceber, não pode admitir, que as vítimas do seu reinado de lama e de sangue ergam a cerviz e façam saber que a espada, que personifica o regime burguês de guerra e de exploração, vai ficar reduzida a estilhaços sob o martelo do trabalho, que simboliza a paz e a felicidade humana.

Muito se tem dito e escrito sobre as dificuldades económicas e sobre a angustiosa situação do povo na Rússia, atribuindo-se tudo o que de mau ali existe ao novo regime que aquele povo pretende estabelecer, quando sómente pelo repugnante bloqueio e pela guerra jesuita dos aliados, isso tudo deve ser motivado.

Faz-se-lhe uma guerra feroz e torpe para desorientar os povos, porque se teme que o exemplo frutifique, dado o estado de sobre-excitação das populações vítimas da tirania e da fome.

Em Portugal e nas outras nações não impera, felizmente para os parasitas de todas as espécies, um regime idêntico ao soviético russo, e contudo a situação económica não é mais risonha, antes ela se mostra cada vez mais acabrunhada e difícil.

Os horrores por que passa a Rússia, e sobretudo a Hungria e a Áustria, devido à atitude infame dos políticos e dos capitalistas, vão estender-se por todo o mundo, se os povos não se erguerem num supremo esforço para lhes arrancarem das mãos sanguinárias a direcção da sociedade.

O nosso país é um dos que está condenado a passar pelas maiores angústias, pois está dependente das outras nações.

Todavia, ninguém se preocupa com a situação, já hoje cheia de dificuldades, mas que amanhã se tornará pavorosa. Ninguém se prende a procurar-lhe uma solução satisfatória, para evitar o abismo para que se caminha rápida e cegamente.

A guerra desenvolveu nos indivíduos e nas classes um egoísmo feroz, ao mesmo tempo que um espírito mistico, e quando se fala da miserável vida que levam alguns povos, por motivo da guerra e da acção do capitalismo, quase sempre se obtém por resposta ou um despreocupado encolher de ombros, que quer dizer «eles que se governem» ou então um confiado «nos estamos livres disso», porque se espera que a recular aliada e os seus amigos não nos deixarem de prestar o seu auxílio, que é verdadeiramente uma escola; tal é a insinuação com que é solicitado o socorro.

Mas as condições de vida agravam-se por toda a parte; a avarice espoliadora do capitalismo por toda a parte estende os seus tentáculos; em todos os países surgem os mesmos motivos de desordem e desespero dentro do regime burguês não há possibilidade de estabelecer a ordem económica e social, e os povos hesitam ante o caminho da transformação redentora, não obstante o avanço da catástrofe que ameaça esmagar tudo e todos.

E' que se confia ainda, espera-se que qualquer acontecimento inesperado ve-

CARTA ABERTA

AO sr. presidente da República

Justiça e não misericórdia!

Senhor Presidente: Com a impressão de que v. ex.ª, tendo conhecimento do falso nome da Constituição da República, não sancionará com indiferença esse falso nome e que, antes, diligenciará corrigir esse erro profundo, venho dirigir-me ao chefe do Estado do meu país, esperando na relativa rectidão dum espírito que sempre parece ter-se guiado pelas normas da Justiça.

Sabe v. ex.ª melhor do que ninguém que duas ideias antagónicas se chocam violentamente: reacção e Liberdade. Ao passo que a primeira, directa representante de Loyola e Torquemada, procura conservar a Humanidade nas trevas, delirando ainda fazê-la retrogradar aos tempos calamitosos da força e do castigo, a segunda, branca como as águas cristalinas que correm mansamente nos ribeiros e luminosa como os raios quentes do sol, creator sublime, procura elevar a Humanidade ao ponto culminante da mais digna moral, de modo que a alegria se alicia naturalmente aos corações e que a inteligência retome o seu lugar nos cérebros doentes dos tristes componentes da espécie a que ambos pertencemos.

Pois bem: a minha priso representa o mais lamentável desprezo pela constituição da República, desta república que eu, tam ingenuamente, ajudei a fundar; e o processo que almas mesquinhinhas estão organizando a meu respeito é a certeza da existência de uma cidade, como em outras terras do país, dum tremendo corrente jesuita, tam hipócrita, tam desleal, tam indigna, que se rotula de republicana (que espantoso é tudo isto!), para melhor poder cravar na vítima as suas garras envenenadas de hiena sedenta de rancor...

V. ex.ª, que se espíritos reacçãoários não impedirem que a presente lhe chegue às mãos, terá pela primeira vez conhecimento do modesto nome que esta subscree, não sabe quem eu sou. Pois bem: é tempo de lho dizer. Sou um amigo dedicado da Liberdade, um sincero e desinteressado pioneiro deste ideal generoso: a harmonia dos homens. Indiferente, aos 12 anos, como todas as crianças desta idade, às ideias que agitam os cérebros; republicano desde os 18 aos 25, julgando ser a república o meu ideal; libertário dos 25 até ao presente momento, sempre por imposições do meu raciocínio, julgo ter percorrido com honestidade, com desinteresse e com abnegação a espinhosa estrada do ideal, sempre com os olhos postos no futuro, sempre desejando ver realizado o meu lindo sonho de Amor: sorrisos naturais em todas as crianças, alegria final em todos os corações, moral dignificadora em todas as almas, pureza de sentimentos em todos os indivíduos...

Porém... Porém, os homens encontram-se perversos na sua imensa maioria. Subjugados, uns, a um egoísmo feroz e torturante, curvados, outros, a uma educação pernicioso e fradesca, que não deixa raciocinar, que não deixa praticar justiça, vêem nos homens como em inimigos da sociedade, quando, contrariamente, somos nós os mais sinceros amigos que a sociedade (referindo-me à sociedade em geral, está bem de ver) certamente possui que revolva, no primeiro momento, tudo isto provoca, e que até agora, a seguir ao invado o coração ante tal facto desagrado! Inimigos da sociedade! Se os nossos acusadores, dando-se um pouco ao trabalho de raciocinar, de que aliás são incapazes em virtude do intorçamento do corpo e da alma, nos acusassem de inimigos da fórmula proprietária individualista, ainda estaria bem, porque de facto, nós, comunistas, somos inimigos de tal monstruosidade jurídica. Mas inimigos da sociedade, nós! Positivamente as frases e os conceitos tem qu' sempre uma aplicação imprópria. Se de facto existem inimigos da sociedade, é certo que existem para vergonha da nossa espécie, esses inimigos são os nossos acusadores, os que fecham o coração a tudo que é nobre, os que calafetam o cérebro a tudo que é ciência.

De modo que, sr. presidente, encontro-me privado da Liberdade, não porque tivesse insultado alguém, não porque tivesse prevaricado contra a moral, não porque tivesse agredido fosse quem fosse, não porque tivesse desrespeitado a autoridade, mas sim por motivo de crime terrível, o crime que v. ex.ª igualmente praticou, e de que certamente se não envergonha, de amar muito, muito, intensamente, com todas as veras da minha alma, com todo o meu entusiasmo de apóstolo, a Justiça e a Humanidade!

E afinal quem são os meus acusadores? Espantoso! São aqueles que igualmente o insultaram nos tempos felizes (porque os idealistas são sempre felizes, embora perseguidos, durante o tempo em que batalham por um princípio nobre) em que a sua alma, ardente em fé, contribuiu para que o meu espírito viesse até ao campo da Luz onde me encontro... E certo. Os meus acusadores, os meus rancorosos acusadores, são os reacçãoários, tanto aqueles que se dizem monárquicos como aqueles que, para melhor poderem manobrar, se dizem republicanos. Em certas palavras: os meus acusadores são criaturas sem fé e sem dignidade.

Ante tudo isto, sr. presidente, ante a injustiça que me persegue, um sentimento, que talvez seja natural, aflui no primeiro momento: o sentimento da revolta. Depois... Sim, depois, com o raciocínio, a revolta cede o lugar à tristeza, a tristeza de sabermos que no mundo, neste mundo por cuja beleza pejo a todo o momento com sacrifício, existem almas tam negras, corações tam impiedosos, caracteres, tam baixos, indivíduos tam reles, cérebros tam desgraçados... Oh! como é triste ver a baixeza de certos homens, os ruins actos que dimanam da sua vontade! Se não fora a certeza que nós, os homens de fé, temos de que a semente do Bem, espalhada ousadamente pela Terra, há de um dia florir em menses abundantes e generosas, só o suicídio, a que recorrem os traços, viria pôr termo ao sofrimento atroz que pretende dominar-nos.

Nunca, senhor presidente, escrevi uma palavra de ódio contra ninguém, podendo ler-se, para se comprovar esta asserção, os meus relativamente numerosos escritos espalhados pela imprensa republicana, socialista, sindicalista e libertária do país. Nunca, sr. presidente, pronunciei uma palavra de rancor contra um adversário, podendo igualmente para se ver se digo a verdade, ser consultados, um a um, todos os indivíduos que tem assistido às minhas palestras moralizadoras, feitas ao abrigo da constituição da República presidida por V. ex.ª, no uso da liberdade da expressão do pensamento. Nunca, senhor presidente, dirigi um insulto a ninguém, em obediência à minha moral. Ao contrário de tudo isto, nunca deixei de aconselhar nobreza e lialdade no ataque aos meus adversários de ideias, nunca deixei de pedir tolerância (tolerância, sr. presidente) para aqueles que nos não compreendem!

Pois é um homem assim que se acusa de inimigo da ordem! E' um homem desta natureza que se procura envolver num processo sem testemunhas ou com testemunhas que irão indignamente falar à verdade! E' um homem assim que se acusa de perturbar a ordem na terra onde vive, onde tem a sua família, os seus amigos! E' um homem desta estirpe que se pretende expulsar! E' uma criatura assim, contando um amigo em cada homem de bem, que se diz ser mal visto pela população duma cidade! Parvos! Indignos parvos sem moral e sem vergonha, que fingem desconhecer o seguinte facto: que, se conto inimigos as dúzias (poucas dúzias, aliás), conto, amigos aos milhares! Desgraçados! Metem-me do estes infelizes, pois são infelizes todos aqueles que chafurdam no lamaçal dos seus baixos sentimentos!

E' pena, sr. presidente, que v. ex.ª não conheça todos os actos da minha vida, e que o seu cargo lhe não permita informar-se deles. E' pena, realmente. V. ex.ª que apesar de militar num campo oposto ao meu, deve possuir ainda aquela pureza de alma que o impoz às multidões sedentas de Pão e de Justiça, ficaria sabendo quem eu sou. Ficaria sabendo (vá lá um pouco de vaidade, como obediência à Verdade), que sou um adversário a quem se pode apertar a mão, que sou um homem que possui o coração e o cérebro em lugares próprios.

NÃO APOIADO!

LOCUTÓRIO DUM INSURRECTO

Se bem que a leitura dos jornais não seja para mim habitual, adrejou pegar eu ontem num diário, porque a necessidade a muito obriga. Pois, senhores: vinha recheadinho o tal diário, de notícias frescas e de imprevistos informes. A saber, numa incompleta enumeração: o ministro da agricultura compareceu finalmente no Senado e, tratando do pão único que Lisboa consome, afirmou que, tendo sido péssimo o fabrico desse produto, agora melhorara um pouquinho, por mór da rigorosa vigilância que fora submetida a panificação. Uma afirmativa é esta em cuja veracidade confiam certamente apenas aqueles que não provaram nos últimos dias o famoso pão melhorado. Outra novidade: o consumo da electricidade e do gás vai ser restringido. Os estabelecimentos fecharão mais cedo. E, nas poéticas noites de luar, a iluminação pública será totalmente suprimida. Quem fôr ao teatro e quem terminar as suas ocupações depois da meia noite terá de recolher a penas usando o mais primitivo meio de locomoção, pois que a viação eléctrica passará a interromper-se a essa hora. Todas estas medidas tomadas no intuito de poupar os combustíveis de que se gera a luz e a energia. Por modos que dentro em pouco Lisboa ficará mais sötuna e tenebrosa que as profundezas lúgubres do inferno. Mais novidades: um deputado, o sr. Alves Cabral, pronunciou-se no parlamento sobre a pretensão da Companhia Carris relativa ao aumento de tarifas, e diz achar tal pretensão em absoluto justa, atentas as dificuldades inúmeras com que actualmente lutam todas as companhias. Não é difícil prever, em presença de tais premissas, a breve obtenção do ambicionado aumento de tarifas — para que o mundo saiba como a vida em Lisboa se vai constantemente agravando. Há mais novidades ainda: na Câmara dos Deputados, um deputado liberal, o sr. Sampaio e Maia, propôs que aos senhores em atraso na especulação fosse concedida a permissão de aumentarem as rendas de seus prédios em 100 por cento. As rendas de casas estão realmente baratasíssimas, e os pobres senhores quasi já se encontravam a pão e laranja. Feliz lembrança a do sr. deputado, não haja dúvida, lembrança de cunho nimamente humanitário e tendente a coagir os miseráveis inquilinos a repartir com os sacrificados proprietários um pouco do pecúlio acumulado em virtude da exiguidade das rendas. Uma última novidade: as libras em ouro estão a vinte e quatro escudos, preço de venda. Havia muito mais a respigar no substancioso conteúdo do famoso diário em que ontem peguei.

Mas basta o que fica consignado para demonstrar que só as pessoas naturalmente azedas ou irredutivelmente malévolas poderão afirmar hoje que isto vai mal — quando, afinal, tamanha soma de notícias gratas conduz naturalmente ao bem-intencionado a um estado de espírito semelhante ao do regosijado Pangloss, levando-os a exclamar com este que «tudo corre da melhor maneira no melhor dos mundos possíveis».

A minha vida, sr. presidente, é bem pública. Em Ferreira do Alentejo, em Vila Real de Santo António, em Aljustrel, em Lagos, em Portimão, em Lisboa, em Alcácer do Sal, em Caniças, em Cuba e nesta cidade, onde sucessivamente tenho passado a minha vida de proletário do comércio, pode igualmente do meu proceder como cidadão. Não aparecerá uma só pessoa que prove ter uma acção menos correcta, um acto menos digno. Aparecerão muitas que digam: «Foi sempre um entusiasta pelo Progresso e pela Liberdade». Mas não aparecerá nenhuma que clame: «Praticou uma acção vergonhosa». Ora isto, sr. presidente, é muito. E, sem dúvida, a prática dum dever; mas como há tam pouca gente que saiba cumprir deveres, sobressai todo aquele que os não esquece...

Tenho, por várias vezes, sempre ao abrigo das leis do meu país, usado da palavra em assembleas populares, incitando os meus ouvintes a que se eduquem, a que se organizem, a que lutem por um mundo melhor? É certo que tenho. Mas isso é um crime? Pois é por este crime que me querem condenar... Que desgraça se a reacção consegue poder dar ordens! Tam grande, tam clamorosa essa desgraça, que não admirará que v. ex.ª, a quem ela presentemente rende fingido culto, venha um dia para junto de mim, para a cadeia, expiar o crime de ter ajudado a derrubar os caceteiros partidários de D. Miguel...

Vai longa, sr. presidente, a presente carta, facto incompatível com o pouco espaço de que dispõe este jornal. Impresso em papel de 10 tostões o quilo, é que não está já por mais dinheiro...

Prof. Carlos Carvalho

AINDA OS DO "LOCK-OUT" E A LUZ FEZ-SE

Jornalista e moageiro, afora o mais...

Voltando a encontrar-nos com o camarada tipógrafo que nos facultará as informações ontem dadas à estampa na *Batalha*, acerca do actual movimento dos quadros dos jornais, continuamos a ouvir as suas revelações, assás curiosas agora por indicarem os segretos intuitos dum jornalista republicano, que é ao mesmo tempo homem de negócios, neste conflito em que as empresas jornalísticas do *lock-out* de via reduzida se tem mostrado — graças ao auxílio que solitamente lhes tem prestado o imparcial governo — duma intransigência feroz.

O "meneur" das empresas jornalísticas, além do mais, é moageiro

— Já que obedece então o jogo do tal amigo da classe gráfica? — Inquirimos.

— É isso mesmo que vou desvendarte. O tal amigo dos gráficos, ao mesmo tempo que é director dum importante estabelecimento do Estado, é jornalista, co-proprietário duma agência de anúncios, onde são fabricados os comunicados que na imprensa burguesa são pagos generosamente a tanto por linha e onde se faz a defesa infame de todas as tribus que para aí existem, como sejam a panificação, a moagem, o jogo, os electricos, etc., e é ainda para corôa da sua glória... moageiro!

— Pois é esse indivíduo que valendo-se da sua situação especial, tem recorrido a todos os processos, sem olhar a escrúpulos, para subjugur uma classe inteira, que tam bem tem sabido defender a sua dignidade e que a despeito dos indignos processos de tam repelente criatura mostra ainda hoje a mesma decisão que há 40 dias vem mantendo.

— Mas diz uma classe inteira, quando, afinal, o conflito é restrito só aos quadros dos jornais.

— Pois aí é que está o fio da meada. São todas as classes gráficas que ele pretende atingir, mas em especial a tipográfica. Sabes muito bem que privo com a grande maioria dos gráficos, quer da indústria particular, quer da imprensa Nacional. De vários elementos, dum e doutro lado, tenho colhido informações que me fazem chegar a uma conclusão.

— Sabes muito bem que naquele estabelecimento do Estado se espera há perto de três meses por melhoria de situação económica. O pessoal gráfico ali não está remunerado condignamente, pois que além de não ganhar o suficiente para viver, está em manifesta inferioridade, quanto a salários, com os seus colegas da indústria particular. Reclamou, como é natural, junto do ministro do interior melhoria da sua situação económica e até hoje ainda não viu satisfeitas as suas justas pretensões. O alheamento do director pelo assunto tem sido uma das principais causas da demora, pois que lhe não mereceu — como novo rico que é — o menor interesse a situação difícil em que se encontra o pessoal daquela estabelecimento. Por um lado, com o seu espírito vingativo, procura satisfazer ódios pessoais e mesquinhos e por outro — julgo que a este não é estranha a política — não tem querido tratar com o respectivo ministro convenientemente. E assim andando, o pessoal foi-se indispõdo a tal ponto que se deram ultimamente sucessos imprevisíveis, dos quais a inteira responsabilidade lhe cabe, pois que foi ele quem alimentou a discórdia com o seu indifferente e desprezo.

— O gesto do pessoal, de certo modo altivo, impressionou-o profundamente a ponto de mais se arregar no seu espírito a ideia da vingança, e como ao mesmo tempo existisse o conflito da imprensa, vá de pôr em execução um plano maquiavellico, servindo-lhe o actual conflito à maravilha para procurar conseguir os seus fins.

Jogando para todos os lados. — O plano

«Dizem-me que actualmente — continuo o nosso amigo — se está interessando vivamente pelo pessoal da imprensa, para quem pretende determinada percentagem que, a cautela, e com fins reservados, se esforça por que seja inferior à que os quadros gráficos reclamam, mesmo depois das suas transigências, não tendo pejo em declarar que se não conseguimos vencer os

de outro lado de lavrar um indignado protesto contra semelhantes atentados ao sagrado direito da livre expressão de pensamento, mas para chegar à conclusão, embora servindo-se de para isso duma linguagem artificiosa, de que a um outro jornal, que é o *O Século*, deveria aplicar-se, com dobrada razão, o regime arbitrário a que estão sendo sujeitos *A Batalha* e alguns outros cotidianos.

E' uma concepção destas que *A Opinião*, e outros jornais com ela, tem acerca duma das mais caras conquistas do espírito humano. Acha bem este crime monstruoso da anulação da liberdade de pensamento e só sente que ao mesmo regime violento a que estamos sujeitos o não esteja *O Século*, só porque isso lhe seria agradável e à gente da Moagem.

A gente presencia isto e já não passa, tam habituados estamos a ver exteriorizar os mais degradantes sentimentos.

Trabalhadores: Lêde e propagai *A Batalha*.

Maio de 1920.

Gonçalves CORREA

Pasmoso!

A *Opinião*, nos seus números de ontem e anteontem, refere-se às violências de que *A Batalha* e *O Combate* vem sendo objecto por parte da policia de segurança do Estado, não com

EM VOLTA DOS ELÉTRICOS

Fale o povo e fale alto!

Conseguir o Sindicato de Santo Amaro ver as suas exorbitantes reclamações atendidas, porque assim o entende a maioria da vereação municipal, a cuja guarda foram entregues os legítimos interesses da população lisboeta.

A defesa da bôsa das cidadãs está assim entregue nas mãos de criaturas que, no tempo da propaganda, barafustavam contra tudo que cheirasse a monopólio, não se incomodando, na presente conjuntura, de sancionar mais este assalto às algebras do público.

A forma como a questão prévia foi apresentada e aprovada, demonstra bem a vontade que tinham os senhores vereadores democráticos em servir o monopólio da Companhia Carris de Ferro e as suas exorbitantes exigências, menosprezando assim os mais sagrados direitos duma população inteira, que tem a infelicidade de possuir administradores tão pouco escrupulosos na defesa dos seus interesses.

Esta aprovação de aumento de tarifas é extremamente suspeita. A maioria da vereação devia saber de antemão que ela cairia no desagrado do povo já tão sobrecarregado com o aumento crescente do preço dos gêneros. Ela, a maioria não ignorava certamente que a Companhia há alguns meses que vem preparando o terreno para se lançar avidamente sobre a magra algeibra do povo. A vereação sabia perfeitamente que a Companhia havia comprado, sobornado parte da imprensa para fazer propaganda dos seus intentos e que a vereação que tais medidas degradantes aprovasse daria direito a que a imprensa honrada e o povo espoliado gritassem, com justificada razão, que parte da Câmara estava, como a aludida imprensa, vendida à Companhia dos Elétricos.

Se de facto, honestamente a Câmara achasse necessário tal aumento ela deveria ter o cuidado de expor o caso com toda a clareza para que o povo fizesse o seu juízo. Mas não. A maioria da vereação preferiu fazer a coisa pela calada, às três da manhã usando de *trucs* que constituem uma autêntica violência.

Alga-se a pobreza da Companhia, mas esta não se prova publicamente. Se efectivamente a Companhia Carris de Ferro não pode sustentar o serviço de viação que se propoz fornecer, que abdique. Uma casa comercial que não sabe manter a abdicar, liquida, quebra. Se a Companhia está falida, que liquide, que entregue o serviço de viação ao Município.

Mas não é isto que o poderoso Sindicato de Santo Amaro quer. O que ele quer sabe-o a vereação democrática e

favorece-lhe os intentos, ainda que as juntas de freguesia clamem, ainda que uma população inteira se levante em peso para protestar. A falta de recursos é comédia, porque não houve um único accionista que barafustasse por não ter recebido o seu dividendo. Quer isto dizer que a Companhia distribuiu lucros e uma Companhia que distribui lucros não está falida.

Segundo uma local do *Século* da noite de ontem, a Companhia está disposta a não aceitar as resoluções da Câmara, não lhe repugnando aceitar a discussão sobre a proposta da minoria socialista, que tem por base a municipalização dos serviços de viação eléctrica.

Isto não passa de boato, de alarde, para dividir opiniões e desviar suspeitas bem fundadas. A Companhia, depois de ter gasto bom dinheiro com o suborno da imprensa; depois de ver aprovado um aumento que lhe convém, não abdicará, não deixará escapar o momento de arrecadar mais alguns milhares de contos. São nem mais nem menos de 3.420 contos que ela ganharia com o pequeno aumento que a Câmara lhe concedeu. E mesmo depois de ter deduzido desta bonita importância algumas percentagens para os colaboradores do roubo, ainda fica muito dinheiro para distribuir aos accionistas e comprar órgãos na imprensa que lamentem a sua miséria.

Estão as juntas de freguesia justamente indignadas contra a atitude da Câmara; estão os possuidores de passês, está o partido socialista e está acima de tudo o povo de Lisboa sobre quem recai o peso de todos os impostos e de todas as fraqueças que uma Companhia pouco escrupulosa põe em prática, resolvidos a não suportar de ânimo sereno mais uma extorção. Com o povo estamos nós também, que desse povo fazemos parte integrante.

Juventude Socialista

A Juventude Socialista realiza hoje, pelas 21 horas, na sua sede, rua do Bemfomoso, 150, 1.º, uma sessão pública em que devem falar os srs. Ladislau Batalha, Artur M. dos Santos e outros.

Que se trama agora?

A nova comissão de vereadores nomeada pela Câmara Municipal de Lisboa para tratar com a Companhia Carris de Ferro da elaboração de um novo projecto do contracto a celebrar em substituição aos actualmente existentes teve ontem à noite nos Paços do Concelho uma demorada conferência com a direcção daquela companhia.

Notícias da Beira

Os empregados da Companhia de Moçambique, reclamam—Os ferroviários

Cartas recebidas da Beira (Africa) dizem que a luta grande da Beira, entre os empregados da Companhia de Moçambique, que quis a mudança da vida se viram forçados a agir, tendo fundado a Associação de Classe dos Empregados da Companhia de Moçambique, que a 1.ª de julho da última carta contava já perto de quarenta membros, pagando uma joia de 200 e 300 de cóia mensal, a maioria entra logo com o pagamento das cóias dum ano e respectiva lista.

A chegada ali de novos empregados e dos que regressavam de licença deu mais amargura aos descontentes, resolvendo-se apresentar as reclamações de aumento de ordenado, encarecimento de aluguer de habitação, e de outras coisas, a representação em que elas foram formuladas e enviar uma cópia para Lisboa, à direcção da Companhia.

Depois algum tempo a respectiva comissão ou associação dirigiu-se ao governador a perguntar pela resposta, o qual declarou não ter conhecimento de coisa alguma. Parece que alguém se encarregou de destruir o documento, havendo necessidade de enviar um outro, tendo o governador a resposta aconsoada a que fizessen uma redução das percentagens de imposto de que se enviaria a representação para Lisboa.

A primeira representação enviada para Lisboa parece que também não chegou ao seu destino, e como o tempo corria veloz, os reclamantes pediram que lhes fosse dada resposta pelo telegrafo, mas, diz-nos o amigo que nos forneceu estas informações, que até ao momento de nos escrever ainda não tinha sido dada qualquer resposta, afirmando mais que, se esta não fosse satisfatória, os empregados da referida companhia estavam dispostos a ir até onde fosse preciso.

Por não se conformarem com as condições impostas pelo governador, a direcção da Beira, um Macdonald Railway, declararam-se novamente em greve os ferroviários, tendo ficado interrompido todo o tráfego com a Rhodesia.

Mais vale prevenir

Na rua Maria Pia, e por conta da vivia Teles, há algum tempo que se vem fazendo a exploração duma rocha, sendo, para esse efeito, empregada a dinamite. Os tiros, que constantemente se fazem, abalam de tal forma os prédios próximos, que ainda na tarde feia abateram duas paredes num deles, derrubando mobília, etc., e só por um acaso feliz não sofreram os moradores.

A rocha, da altura de 25 a 30 metros, tem continuado a ser dinamitada por baixo dos prédios, e é natural que maiores desastres tenhamos a registar se quem superintende no caso a tal não puzer termo.

Vida cara e difícil

Distribuição de açúcar em Almada

Queixam-se nos diversos moradores desta localidade contra a forma como ali é feita a distribuição de açúcar. O administrador do concelho, por ocasião da última remessa, quiz e conseguiu que para ele e para os poucos empregados da Câmara fosse uma saca, e para os outros moradores fossem sacos de 10 libras cada um. Os membros da junta de Paróquia e os habitantes apenas levassem meio quilo e nem todos foram contemplados. Há quem empadrou a alguns operários do concelho que perguntou a quem se o açúcar era género que se deteriorasse! Quem daria providências?

Como se vende o açúcar

Queixam-se nos de que o empregado do armazém de Santa Maria, da Assistência Pública, em vez de começar a venda do açúcar, começa por vender o café, e depois o açúcar, e ainda em constantes carreiras da esquadra de polícia para o armazém, diz-se que para combinar a melhor maneira de aquela venda, saem os empregados, como os moradores do local tem visto.

Ainda ontem esse caso sucedeu, com prejuízo das pessoas que ali pediram o açúcar do seu tempo. Informam-nos também que o mesmo empregado não se contenta só com o que dá a menos no peso, pois quando a venda de açúcar acaba, o açúcar é vendido a preço de 100 libras, e os operários que não podem demorar-se na linha, dizem: "Vocês vejam se largam alguma coisa para o petróleo..."

Pão impróprio para consumo

Martim dos Santos Silva, Rua da Bica do Marquês, 15, 2.º (Ajuda) pede-nos que publicásemos uma notícia que publicamos, pois que por lapso seu disse-nos que o pão que se vendia na padaria da Rua das Mercês, 118 e 122, quando comprado na Rua de D. Vasco, 31, (Ajuda).

Milho ainda nos armazéns

A direcção geral do Comércio Agrícola enviou uma circular aos importadores e consignatários de milho colonial, no sentido de que retirem no mais curto prazo de tempo possível, o milho que se encontra nos armazéns, que ainda se encontra nos armazéns do Mercado Central de Produtos Agrícolas.

Apreensões de gado na fronteira

A guarda fiscal realizou, ultimamente, as seguintes apreensões por transgressão dos regulamentos fiscaes, as quais foram julgadas subsistentes:

Em Chaves, duas de gado lanigero e bovino; em Marvão, 88 cabeças de gado caprino no valor de 88.000; em Almeida Nova, 100 cabeças de gado caprino, no valor de 100.000 e 67 de equino, no valor de 10.000; e ainda 13 cabeças de gado bovino, 175 de ovino e 30 de suíno, no valor de 9.000; no sítio de Montalvão, 100 cabeças de gado bovino, 137 de equino e 30 de suíno no valor de 7.200.000. Apenas esta última apreensão foi julgada subsistente.

Na guarda fiscal tem intensificado em toda a fronteira a sua fiscalização com praças de infantaria e cavalaria que lhe tem sido enviadas, desde há tempos, pelo batalhão da fronteira de Lisboa.

Liamos apor que todos esses honrados cidadãos que assim desrespeitam os regulamentos fiscaes, são os mesmos acrisolados amigos da pátria e da república.

Os rendimentos dos operários

Luís de Jesus, de 19 anos, servente de pedreiro e residente na rua Bartolomeu Dias, vila Correia, 14, em Belem, estava ontem na estação Mendes, na Jangueira, a ajudar a carregar um camion militar com madeira que devia ser transportada para o Parque Automóvel Militar, quando caiu e foi ferido no pé direito referido, ficando com a mão esquerda esmagada.

Conduzido imediatamente num automóvel do Hospital Militar, o Hospital de S. José, foi ali operado pelos cirurgiões de serviço srs. Drs. Ottonio e Pereira e Sousa, recolhendo depois à enfermaria de Santo António.

Na enfermaria de Santo António, do hospital de S. José, deu entrada António Chetano, de 45 anos, trabalhador e residente no sítio de Barra Cheta, em Setúbal, quando foi operado pelo colido pelo carro de que era condutor, fracturando a perna e quedra.

Sociedades de recreio

Grupo Dramático Musical Solidariedade da Construção Civil.—Convindam-se todos os sócios a reunirem hoje, pelas 8 horas, em casa de S. J. J. para se nomear uma comissão para organizar um passeio de confraternização operária nos arredores de Lisboa, e para se discutir os assuntos de interesse da sociedade e do grupo.

TEATRO DA TRINDADE

Empresa Taveira S. T. L.

Companhia Carlos Lial

Os números interessantes de hoje e amanhã

N.º 1141

A mais sensacional

a mais querida

a mais popular

a mais adorada

revista

Paz Armada

Os números interessantes de hoje e amanhã

N.º 1141

A mais sensacional

a mais querida

a mais popular

a mais adorada

revista

Paz Armada

Os números interessantes de hoje e amanhã

N.º 1141

A mais sensacional

a mais querida

a mais popular

a mais adorada

revista

Paz Armada

Os números interessantes de hoje e amanhã

N.º 1141

A mais sensacional

a mais querida

a mais popular

a mais adorada

revista

Paz Armada

Os números interessantes de hoje e amanhã

N.º 1141

A mais sensacional

a mais querida

a mais popular

a mais adorada

revista

Paz Armada

Os números interessantes de hoje e amanhã

N.º 1141

A mais sensacional

a mais querida

a mais popular

a mais adorada

revista

Paz Armada

Os números interessantes de hoje e amanhã

N.º 1141

A mais sensacional

a mais querida

a mais popular

a mais adorada

revista

Paz Armada

Os números interessantes de hoje e amanhã

N.º 1141

A mais sensacional

a mais querida

a mais popular

a mais adorada

revista

Paz Armada

Os números interessantes de hoje e amanhã

N.º 1141

A mais sensacional

a mais querida

a mais popular

a mais adorada

revista

Paz Armada

Os números interessantes de hoje e amanhã

N.º 1141

A mais sensacional

a mais querida

a mais popular

a mais adorada

revista

Paz Armada

Os números interessantes de hoje e amanhã

N.º 1141

A mais sensacional

a mais querida

a mais popular

a mais adorada

revista

Paz Armada

Os números interessantes de hoje e amanhã

N.º 1141

A mais sensacional

a mais querida

a mais popular

a mais adorada

revista

Paz Armada

Últimas notícias

Em França

A situação das greves é esta:

PARIS, 19.—A respeito da greve dos caminhos de ferro a situação pode dizer-se que se conserva estacionária. Na rede do Estado registaram-se hoje 800 entradas novas. Como já foi dito, os mineiros do Norte e do Pas de Calais devem retomar o trabalho amanhã, 20. Hoje houve grande número de descidas nas minas do Marais e Anzin.—H.

Foi preso o secretário da federação dos ferroviários

PARIS, 20.—O secretário da federação dos ferroviários, Nonmousseau foi preso esta manhã quando saía da Confederação Geral do Trabalho.—H.

A C. G. T. e as greves

PARIS, 20.—Enquanto o conselho nacional confederal, convocado pela C. G. T., delibera em Paris sobre a atitude a adoptar, os movimentos de regresso ao trabalho continuam a acentuar-se na maior parte das corporações em greve. Depois dos gazomistas, que retomaram o trabalho na 4.ª feira, os mineiros do Norte e do Pas de Calais, por sua vez, receberam hoje, 5.ª feira, ordem de cessarem a greve.

Daudet e Briand agatnam-se

PARIS, 20.—Na câmara dos deputados em França, além das manifestações que se produzem, quando da discussão das interações o sr. Leon Daudet fez uso da palavra, houve outras manifestações contra aquele deputado, saltando-se os gritos de Abaixo o rei e Viva a República. Tendo o sr. Daudet posto em fora o sr. Briand, acudindo este de há 20 anos ao sr. Briand, a uma greve geral, o antigo presidente do conselho fez uso da palavra, explicando que se tratava dum discurso da sua mocidade e que o sr. Daudet o que pretendia era desacreditar as instituições republicanas que deram a vitória ao país. O êxito alcançado pelo sr. Briand foi considerável.

Em Itália

Uma câmara municipal incendiada

ROMA, 19.—Em San Miguel de Tagliamento, houve sangrentas desordens, sendo incendiado o edifício da câmara municipal. Das desordens resultou ficarem feridas algumas pessoas.—H.

O sr. Nitti é encarregado de organizar o novo gabinete

ROMA, 19.—O sr. Nitti recebeu mandato de formar gabinete. O sr. Nitti ainda não convidou político algum, visto estar em conversações preliminares com os líderes dos diversos partidos, no que diz respeito aos principais assuntos de actualidade.

O sr. Nitti continuará hoje as consultas. Os seus amigos estão convencidos de que estas sondagens alcançarão um resultado favorável, e que o antigo presidente do conselho conseguirá formar um ministério sólido, em excelentes bases.—Riddo.

Em Espanha

Um toureiro mais chorado do que um génio

SEVILHA, 19.—Imensa multidão aguardava na estação e acompanhava até ao cemitério os restos mortais do matador Joselito. Toda a cidade vestiu luto e os estabelecimentos foram fechados. O carro fúnebre levou longas horas para chegar da estação do caminho de ferro ao cemitério.—H.

Milhares de mulheres fazem manifestações ruidosas

MADRID, 19.—Milhares de mulheres em ruidosas manifestações percorreram as ruas da cidade, pedindo paz. As forças da polícia e as patrulhas impediram os assaltos aos estabelecimentos. Apesar dos esforços das autoridades, metade da população ficará hoje privada de pão. As autoridades esperam, contudo, que graças ao concurso da Manutenção Militar, às expedições às províncias e aos patrões, não se verifique a escassez do pão ficará assegurado amanhã.—H.

Greve da fome

BARCELONA, 19.—Começaram a greve da fome 110 dos presos que se encontram na prisão central d'esta cidade.—H.

Em torno da Rússia Vermelha

Os polacos querem apoderar-se de Kieff

VARSÓVIA, 19.—Comunicação do estado maior.—O inimigo continua a encontrar as suas forças na frente dos arredores de Kieff. Ao sul do Dvina, após longa luta e sob a pressão dos inimigos recuamos para uma nova linha de defesa.—H.

OS QUE MORREM

FUNERAIS

Realizam-se hoje os funerais das seguintes pessoas:

D. Ana Assunção Santos, às 16 horas, da rua de Marvila, 75, 2.ª, para o cemitério de S. João, às 16 horas, da rua de S. João, 12, Maria da Fátima Neves, às 16 horas, do Alto de Santa Catarina, em Chelas, 21, João de Oliveira, às 16 horas, do hospital do Rego.

OBITUÁRIO

Mapa dos cadáveres inumados no dia 19 de Maio no cemitério dos Prazeres:

Antônio José Neves Guerreiro, 68 a.; Isabel Quintanilha, 27 a.; Silverio Hipólito, 15 a.; João Pedro Diogo Patrão Junior, 24 a.; José Lopes, 42 a.

Idem no cemitério de Bemica:

Eduardo Joaquim da Silva Abreu, 42 a.; Antônio José Neves Guerreiro, 68 a.; Manuel da Costa Oliveira, 31 a.; inominado do sexo masculino.

"Era Nova"

Reúne hoje, pela 2ª vez, o Grupo editor deste jornal, que vai tratar de dar-lhe uma vida mais ampla e orientada mais completa, e por isso se convidam a assistirem os delegados dos Empregados de Escritório, Cateiros, Federação, Farmácias, União, Coriadores e Menores.

TEATROS & CINEMAS

Notícias

Por motivo de doença da distinta actriz Berta Viana de Almeida já não se realiza domingo, no Nacional, o seu recital de cantos, ficando transferido para quando novamente for anunciado.

Foi encenado grand completo, na segunda-feira, o teatro Nacional, não podendo, com certeza, comportar quantos hão de lá ir assistir à recita do ilustre artista Palmira Estufo, uma das mais prestigiosas figuras da scena contemporânea.

No dia 26 realiza a sua recita no Trindade o actor José David.

Reclames

Tal qual está, despede-se hoje, no Apollo, a revista *Pam Amm* apresentar-se há completamente remodelada e ampliada com o quadro novo, de palpantes actualidade, intitulado *O sonho do Baptista*, estreando-se no popular teatro as actrizes Eugénia Quintanilha, Eugénia Quintanilha e João Martins. O novo quadro será apresentado com belos cenários de Luís Salvador e Rogério Machado, com guarda-roupa de Castelo Branco e adereços de Amicar.

Está de novo no galarim a famosa e hilariante revista *Paz Armada*, em cena no Trindade, agora, sob o patrocínio do concurso de Maria Litaly, Deolinda de Macedo, Martins dos Santos, Tomás Vieira, Alvaro Barradas, Armando Machado, e Esmita; José dos Santos, no *Ferro-Via*; José David, no *Crava* e magnifica de espírito com o trabalho gracioso das actrizes Arlete e Auzenda. *Paz Armada* repete-se hoje.

CARTAZ DO DIA

NACIONAL—A's 21,15—Festa de Erico Braga—Única de O. Marques de Villemor.

Mundano—conferência com sr. José Bruges de Oliveira.

S. LUÍS—A's 21—A Viuva Alegre.

CAINASTO—A's 21,30—Os Velhos.

TRINDADE—A's 21—A Paz Armada.

POLITEAMA—A's 21,15—O Amigo de Penha.

AVENIDA—A's 21,15—João Ratão.

EDEN—A's 21,15—Negócio da China.

APOLLO—A's 21,15—Pam.

ALCAZAR—A's 21—Serrana e Moreno.

COLISEU DOS RECREIOS—Companhia lírica.

MOVIMENTO MARÍTIMO

Entradas em 20

Vapor inglês "Monitor n.º 17", de Malta; vapor francês "Fort de Vaux", de Hamburgo; vapor espanhol "Rabm", de Huelva; vapor holandês "Merwede", de Leith.

Saídas

Vapor português "S. Miguel", para o Faial; vapor inglês "Marian", para Liverpool; vapor francês "Fort de Vaux", para Buenos Aires.

A' Rapaziada!!!

As valentes e péras!

Botas pretas, para homem, a 15475, 15475, 15475.

Botas brancas, As Valentes, a 15475.

Botas Pretas, duas solas, a 15475.

Sapatos, para senhora, a 14450, 14450, 14450.